

Dormia no sofá. Ao soar o alarme estridente, despertando-o, com sobressalto, de mais uma noite insone, o relógio marcava meio-dia. Tateou o caminho até o banheiro com os olhos semicerrados, como se resistisse ao dia e aos seus acontecimentos. À beira da pia, pôs-se a examinar com os dedos a sujeira dos azulejos e um vazamento recém-descoberto, enquanto enfrentava com resignação o ritual de espuma, barba e corte no rosto. Tinha sangue no espelho, onde avistava, sem espanto maior, profundas olheiras e algumas novas rugas.

Era-lhe comum atravessar as tardes com roupas e cabelos em desalinho, que se amoldavam à desordem do apartamento. Naquele dia, entretanto, vestiu seu velho fraque para ouvir um disco de Chopin, percutindo a borda da mesa com as pontas dos dedos e bebendo vinho tinto.

Resignara-se em ser pianista sem teclas e sem som. Nenhum aplauso descompassado, nenhum sorriso de falsa admiração lhe cativaria, iluminado por luzes tremeluzentes. Por certo, nenhuma platéia bêbada de cabaré tornaria a ouvir seu repertório morno e seu bis cansado.

Aproximando-se da janela, ainda incomodado pelo excesso de luz, olhou o céu que vazava entre as persianas empoeiradas. Viu, com remorso tardio, um pouco dos dias de sol que o sono lhe roubara nos últimos anos. Talvez fosse abril.

Na desordem da mesa, entre pautas riscadas e meias de dançarina, conferiu a lista de compras que não faria para o consumo parco da semana.

Morreria antes da sexta-feira. Era naquelas noites sem fim que tocava à meia-luz de um clube qualquer, onde tantos olhos e mãos deslizavam na penumbra. Ao som da música, pulsando, serpenteava a mulher esguia e nua sob o foco de luz azul. Após o último acorde nunca recebeu aplausos da platéia voraz, mas somente o olhar de fogo e a última peça de *lingerie* da dançarina, jogada como prêmio sobre o piano.

Morreria naquele dia. Tinha a fé dos santos e a certeza dos ateus. O público, ansioso pelo número principal, aglomerava-se impaciente na calçada. Enfim atenta, a platéia veria seus últimos dedilhados no espaço vazio, sem piano, ao som de uma nota derradeira de Chopin.

Na pauta, um beijo de batom vermelho e uma fermata rabiscada com lápis delineador. Na rua, uma primeira e última ovação. Aplausos de pé.